

Das linguas santas

VILEM FLUSSER

Os enigmas que a lingua em geral, e cada lingua em particular, nos propõe, não foram, até bem recentemente, percebidos, e muito menos pesquisados. Dentre eles, chamo a atenção para a circunstância de que existem linguas consideradas santas, por certas pessoas ou grupos de pessoas. O fato de ser tal circunstancia do conhecimento geral, não a torna menos curiosa. A afirmatiya irrefletida, oferecida à guisa de explicação, de que aquelas linguas são consideradas santas por terem servido de veiculo para certas escritas sagradas, é tão banal quanto insignificante. Creio, muito pelo contrario, que existe uma relação fundamental entre lingua e pensamento, e que é igualmente legitima a afirmação de serem aqueles escritos sagrados, por terem sido formulados em linguas santas. Nutro a suspeita de que a qualidade de "santidade" (que não pretendo analisar), relaciona-se com os aspectos estéticos e ontológicos dessas linguas. E pretendo expôr ao leitor algumas considerações que fizeram nascer em mim tal suspeita.

Sabemos que os judeus consideram o hebráico tão santo, que não devem pronunciar-lo com a cabeça descoberta. O latim é, para o católico, tão santo, que as traduções da Bíblia para outras linguas não chegam a ter autoridade. Para o muçlim o árabe é tão santo, que uma tradução do Alcorão é simplesmente impossível. As mesmas qualidades são atribuidas pelos hindus ao sanscrito, pelos budistas ao pali, pelos ortodoxos ao slavonico. Não se diga que se trata somente de linguas mortas, ou mumificadas. As recentes tentativas de retradução da Bíblia para o inglês encontraram oposição, e são de fato impróprias se comparadas com a linguagem da "King James Bible". A razão é

da em textos escritos em sanscrito. Conforme nos dizem os "richis", essa palavra encerra a suma sabedoria. Os "yoguis" a pronunciam no curso de suas meditações para invocar a ajuda de forças superiores. Não tem significado lógico, estando, todavia, preñhe de um significado mágico e religioso. É redonda e fértil como um ovo, colocando-se no limite entre a sílaba e a palavra, entre o falar e o calar-se. Conhecemo-la através de um descendente ocidental enfraquecido, a palavra "amem".

Passo agora a considerar alguns aspectos ontológicos das linguas "santas". As palavras arabes, por exemplo, formam-se de letras que têm, além do seu papel como elementos da palavra, também significados independentes. Cada palavra representa, portanto, uma espécie de charada, significando diversos planos de realidade. O estudo do Alcorão revela, progressivamente, essas diferentes camadas do Ser, e o Alcorão, como um todo, deve ser encarado como chave para a solução da charada da realidade. De palavra em palavra, de letra em letra, avança o espirito até Deus, e é neste sentido que o Alcorão é "logos", a palavra Divina, o Filho de Allah.

Tómemos, como segundo exemplo, o significado ontológico de duas palavras em sanscrito, a saber "atman" e "satchitananda". A primeira significa simplesmente "respiração", mas respiração tomada como fundamento da realidade. Significa, portanto, o pulsar ciclico do mundo, o surgir e o passar dos fenomenos, a cadeia de causa e efeito (tanto no sentido científico quanto no ético); significa o Eu individual, o agente da respiração fisiologica, e também o Eu cosmico, agente e provocador da cadeia dos fenomenos; significa, enfim, um aspecto de Deus. Não é para admirar que o hindu pretenda gover-

são de fato. Impropias se com-
 paradas com a linguagem da
 "King James Bible". A razão é
 que há uma qualidade nessa lin-
 guagem considerada, por muitos,
 como sendo santa. Talvez se tor-
 ne um pouco mais palpável essa
 qualidade misteriosa, se conside-
 rarmos palavras cujo significado
 nos escapa, ou quase escapa.

Nas escritas hebráicas existem
 palavras provenientes, aparente-
 mente, de linguas anteriores ao
 hebraico e que foram mantidas
 pela sua santidade. Por exemplo
 a frase: "Mene Tekel Ufarsin".
 A tradução comum é "Pesei, me-
 di e recusei", ou "pesei, medi e
 Persas". O significado da frase
 é, no entanto, independente da
 tradução e reside no clima má-
 gico, na melodia evocativa, no
 ritmo que se aproxima do balu-
 ciar, enfim, na qualidade esté-
 tica da frase. Como outro
 exemplo dou a palavra: Chabat.
 A tradução é, evidentemente,
 "sábado", e os etnólogos e filó-
 logos procuram as origens des-
 sa palavra na Suméria, onde de-
 vem ter existido festas da lua
 com nomes similares. O seu sig-
 nificado reside, entretanto, num
 espécie de aura que a en-
 cobre, revelando para quem sa-
 be percebê-lo uma visão do eter-
 no que irrompe dentro do tem-
 po. Outro exemplo, mais brutal
 e direto, é a expressão: Tohu-va-
 Bohu. É traduzido por "caos",
 mas é na realidade um par de
 palavras sem significado unido
 pela cópula "e". O caráter do
 caótico, embora entreligado, sal-
 ta aos olhos de maneira diabó-
 lica e nefasta. Como ultimo
 exemplo dou a palavra: Jeho-
 vah. Todas as tentativas de ex-
 plicá-la etimologicamente ou co-
 mo anagrama erram de alvo. Ela
 é, para todos os que ainda con-
 servam um pouco de ingenuida-
 de estética, o nome do "ser em
 si", o nome ontológico por ex-
 celencia, aquilo que os hindus
 chamam de "nama-rupa" — "no-
 me-forma".

Quero acrescentar outro exem-
 plo, desta vez emprestado de
 um ambiente diferente e exótico,
 porém representando também
 o resíduo de uma lingua mais
 antiga. Temho em mente a pa-
 lavra "Om" ou "aum" encontra-

do de Deus. Não é para admi-
 rar que o hindu pretenda gover-
 nar o mundo e a si mesmo con-
 trolando a respiração, sujeitan-
 do-a á sua vontade. A palavra
 "satchitananda" é um composto
 de "sat=ser", "chit=saber", e
 "ananda=felicidade". Assim con-
 jugadas, tais palavras superam-
 se por assim dizer dialeticamen-
 te: o estado da alma a que essa
 palavra alude está além do Ser,
 do Saber e da Felicidade, é uma
 espécie de fundir-se do Eu na
 totalidade da realidade, uma
 união mística para a qual as nos-
 sas linguas não têm expressão
 equivalente.

Como ultimo argumento propo-
 nho as considerações seguintes,
 relativas á gramática hebraica:
 (1) falta do verbo "ter", substi-
 tuído pelo dativo "mim"; (2) fal-
 ta o presente, substituído pelo
 participio (por exemplo, em vez
 de "falo" se diz "eu falante");
 e (3) existe a forma "naoeu"
 "naotu" etc. A frase portuguesa
 "eu não falo", seria, em hebrai-
 co, "naoeu falante". Quem ne-
 gará que através dessas formas
 se revela um conceito da reali-
 dade basicamente diferente do
 nosso? Que está sendo articulá-
 da uma realidade que, possivel-
 mente, será considerada, por cer-
 tas pessoas, como a unica reali-
 dade, e a lingua que a articula,
 em consequencia, lingua santa?

Em conclusão deste esboço, em
 forma de tentativa e demasiada-
 mente sumario, diria o seguinte:
 toda lingua possui, em grau
 maior ou menor, a capacidade de
 evocar, invocar ou provocar aqui-
 lo que é chamado "O santo". Pos-
 sui essa capacidade graças a
 duas qualidades: ao seu aspecto
 estetico e ao seu significado on-
 tologico. Existem linguas que pos-
 suem tal capacidade em grau al-
 tissimo, aparentemente e são es-
 sas que são consideradas santas.
 A minha intenção não foi tanto
 expor o problema, como provo-
 car a curiosidade necessaria pa-
 ra a sua proposição. Mas, mes-
 mo uma aproximação tão mo-
 desta já ilumina a grande infeli-
 cidade que reside na pluralidade
 das linguas santas, tornando um
 pouco mais compreensível o cas-
 tigo que se seguiu á construção
 da torre de Babel: a confusão das
 linguas.

27/1/62